

Discurso em homenagem ao Conselheiro Antônio Corrêa em sua despedida do TCE

18/06/97

Senhor presidente, senhores conselheiros, colegas,

“O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente”

Início com esta evocação a Fernando Pessoa, porque muito gostaria de, agora, ser um pouco poeta e saber esconder a tristeza que hoje toma conta deste Tribunal.

A tristeza não é porque se despede o Conselheiro, mas o amigo, o bom homem Antônio Corrêa. A despedida, como a chegada de um Conselheiro, faz parte da rotina da instituição. A lei estabelece o processo de escolha e o momento da saída. Os jornais já dão conta da disputa pelo cargo. Em breve este salão estará pronto para acolher o novo Conselheiro, todo o ritual será rigorosamente obedecido.

Mas, enquanto a lei traça o perfil técnico-objetivo para o cargo, ao legislador escapa o poder de traçar as qualidades humanas, estas contas, inerentes à pessoa e que só o tempo e a convivência as revelam. E é por estas qualidades humanas, que não consigo, como o poeta, fingir a dor.

Contudo, é a regra. O homem inventou a contagem dos dias, os registros, a medida dos anos, a lei.

Conselheiro Antônio Corrêa.

Fique certo V.Exa. que soube cumprir bem sua missão, honrando e dignificando esta Casa. Suas decisões, fruto da experiência do homem público, serenidade e equilíbrio, sempre se revestiram do mais alto senso de justiça. Buscou interpretar e aplicar a lei com sentido e alcance razoáveis, preocupando-se em conser-

var a coerência de seus votos.

Os seguidores da Escola Realista Americana dizem que a sociedade e os juristas observam o comportamento dos julgadores. Com certeza, V.Exa. deixa exemplo dignificante para todos nós que ainda ficamos e para os que hão de vir.

Desde muito cedo, quando estudante de Direito, nos idos de 1947, revelou-se vocacionado à política, eleito para o Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito. Em 1955, conseguiu ter o primeiro mandato eletivo, como vereador do Recife, sucedendo-se os vários mandatos de deputado Estadual, até que em 1982 veio conduzido a esta Corte.

Sua límpida vida pública, os relevantes serviços prestados ao Estado, fizeram-no merecedor das mais altas comendas de diversas ordens.

Os trabalhos escritos por V. Exa., **Fala da Província; e Escravos, Abolição, Goiana**, conduziram-no à Academia Pernambucana de Letras, ocupando a cátedra n. 17, cujo Patrono é o Monsenhor Honorato Costa.

Aqui, como juiz, houve-se muito bem.

Piero Calamandrei diz que “o juiz é um advogado melhorado e purificado pela idade. Os anos tiram-lhe as ilusões, os exageros, as deformações, a ênfase e, talvez mesmo, a generosa impulsividade da juventude”.

Preocupado sempre em ser justo, nunca esqueceu V.Exa. que a “balança, símbolo da Justiça, que sobre um dos pratos carrega dois grossos volumes, no outro, em contraste, carrega a gentileza de uma rosa”. E como bem explica Piero Calamandrei: desafiando a lei da física, a rosa pesa mais do que os dois grossos livros, a fim de que a justiça funcione humanamente.

Ah! quantas lições de serenidade, prudência e caridade V.Exa. nos deixa, a todos. Paciente em ouvir, generoso no aconselhar. A todos atendia sem fazer conta do tempo.

E sobre o tempo, **Contâncio Vigil**, por mim tantas vezes citado, escreveu muito bem. Lição tão preciosa só se encontra no Velho Testamento, no Livro de Eclesiástico, capítulo 3, que contém as sábias lições dos oradores das Assembléias.

Diz o poeta: *"O tempo, como o vento, seca as lágrimas. Como a água, tudo devolve. Com o fogo, reduz as coisas a cinzas. Como o sol, tudo esclarece. Aclara o confuso, descobre o recôndito, encontra o perdido, reconcilia os inimigos, põe à prova o amor e a ami-*

zade, cega e confunde os ambiciosos, abate o orgulho, extingue as paixões, dá conformidade".

Só o tempo atestará quão valiosa foi sua passagem por esta Casa. Ninguém escapa ao julgamento do tempo.

Antevejo, no entanto, sem receio, o que o tempo vindouro dirá de V.Exa., quando todos nós já não estivermos aqui: foi um homem cordial; um amigo firme; um juiz sereno; um intelectual sem afetação; é um homem público sensível às dores de seu povo e seu tempo.

Que mais, então, será preciso?!

Seja feliz.

Márcio José Alves de Souza

Procurador